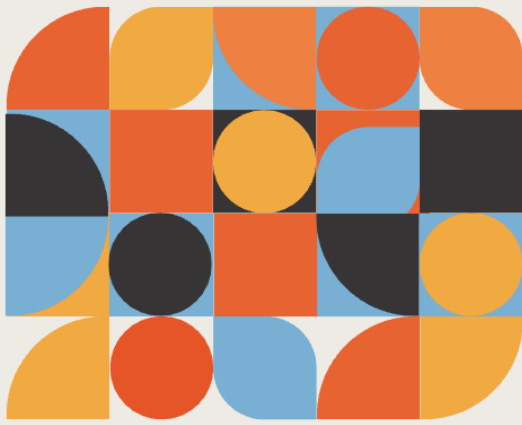




CARTOGRAFIA CROMÁTICA NO ALTO XINGU: SABERES TINTORIAIS E PRÁTICAS DE DESIGN

Maibe Marocolo Lima¹

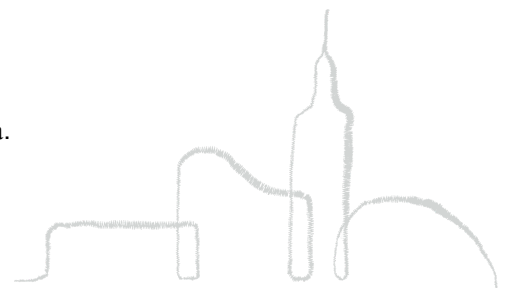
Breno Tenório Ramalho de Abreu²

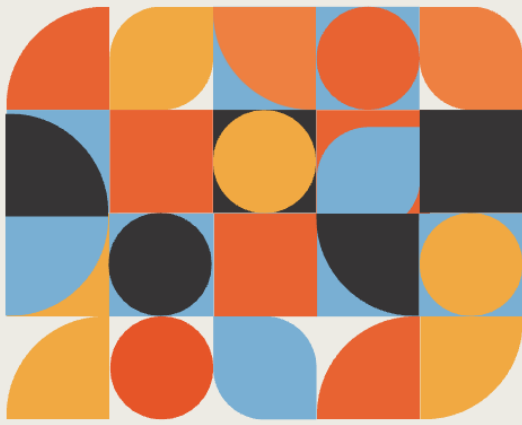
RESUMO

Este trabalho parte da vivência de uma imersão realizada na aldeia Kaupüna, pertencente à etnia Mehinako, localizada na Terra Indígena Parque do Xingu, no município de Gaúcha do Norte (MT), como parte de uma pesquisa em andamento sobre as cores naturais do Brasil e suas relações com o design, os saberes tradicionais e as práticas sustentáveis. A comunidade Mehinako é reconhecida por sua habilidade artesanal na confecção de bancos cerimoniais entalhados em madeira, inspirados na fauna local. O ponto de partida da investigação foi uma pergunta aberta, que frequentemente conduz os processos de campo: *Quais materiais que vocês usam mancham as mãos, as roupas ou as ferramentas?*. Essa escuta inicial revelou-se potente como método de aproximação cultural e abriu caminho para um mapeamento colaborativo de espécies tintoriais locais.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Design na Universidade de Brasília.

² Doutor em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

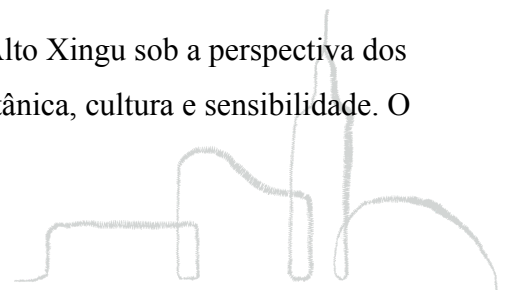
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

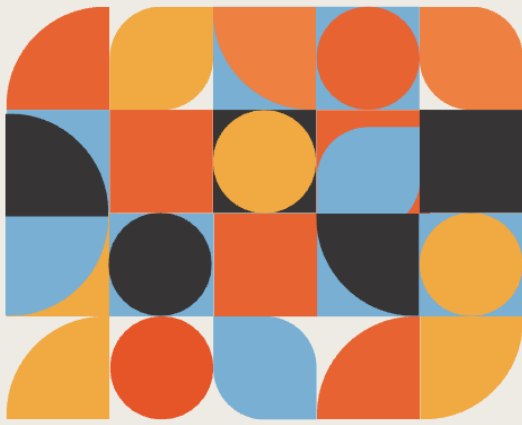
A justificativa deste estudo repousa na necessidade de reconhecer e documentar os saberes tintoriais indígenas como fontes de cor e como expressões vivas de um conhecimento ancestral que integra ecologia, espiritualidade, estética e identidade. Ao incorporar esses saberes às discussões contemporâneas sobre design sustentável, este trabalho propõe deslocar a centralidade da técnica para a relação, da matéria para a memória, do produto para o processo. Em um cenário global marcado pela emergência climática e pela exaustão de modelos industriais predatórios, torna-se urgente pensar práticas de design situadas, regenerativas e culturalmente enraizadas. Como afirma Manzini (2017), o design socialmente orientado não pode ser neutro, pois ele atua diretamente nos modos de vida — sendo, portanto, uma ferramenta estratégica para ativar ecossistemas locais de resiliência cultural e ambiental.

O objetivo central da pesquisa foi identificar espécies vegetais com potencial tintorial no território Mehinako, analisando suas propriedades cromáticas, suas narrativas simbólicas e seus modos de uso na cultura local. A metodologia adotada combinou técnicas de extração artesanal como infusão e decocção de galhos, cascas e sementes com o uso de mordentes naturais (alúmen, ferro, carbonato de sódio) e reagentes para modificação de pH, testando as cores extraídas em fibras e papéis vegetais. Ao todo, foram analisadas aproximadamente 25 espécies, das quais vinte apresentaram resultados expressivos.

O registro da experiência incluiu documentação oral, audiovisual e escrita em caderno de campo, valorizando narrativas espontâneas que emergiram durante caminhadas, momentos de descanso ou preparação de materiais. Histórias relacionadas ao uso medicinal das plantas, mitologias locais e lembranças de ancestrais foram incorporadas às fichas cromáticas, construindo uma cartografia afetiva do território por meio das cores. Essa abordagem está em diálogo com a noção de *cartografia* proposta por Suely Rolnik (1989), que compreende o conhecimento como percurso sensível, implicado, e necessariamente situado nos encontros e nos afetos que os atravessam.

Como resultado, foi criada uma paleta cromática inédita representando o Alto Xingu sob a perspectiva dos Mehinako, acompanhada por fichas visuais e discursivas que articulam botânica, cultura e sensibilidade. O





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

estudo contribui para expandir a compreensão sobre o papel do design como ferramenta de escuta, preservação cultural e transformação ecológica. Ao valorizar a cor como linguagem relacional entre o corpo, o território e a memória, este trabalho propõe novas epistemologias para a moda e o design, ancoradas no cuidado, na reciprocidade e na pluralidade dos saberes.

Palavras-chave: cor natural; saberes tradicionais; design regenerativo.

Bibliografia

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

MAROCCOLO, Maibe. A Natureza das Cores Brasileiras. Brasília: Matricaria, 2023

MANZINI, Ezio. Design para inovação social e sustentabilidade. Rio de Janeiro: Edições SENAC Rio, 2017.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

